Apresentação

Cristina Costa Vieira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VIEIRA, CC. Apresentação. In: MEDEIROS, A., org. *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 9-21. ISBN 9788578792794. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

O que poderá talvez deixar mais intrigado o leitor que pela primeira vez se depare com o título *Travessias pela Literatura Portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* é a aparente anomalia na disposição dos nomes que aparecem em subtítulo: *de Saramago a Vieira*. Não faria mais lógica *de Vieira a Saramago*? No entanto, quando percorremos o conjunto de oito artigos que compõem este volume com organização de Aldinida Medeiros compreendemos que eles não estão dispostos por ordem cronológica. O texto mais antigo aqui analisado é *A Primavera* (1601), novela pastoril de Francisco Rodrigues Lobo, nascido provavelmente em 1573 e falecido em 1621, precursor do Barroco em Portugal, como salienta a ensaísta Sirlene Cristóvão no trabalho «Reflexões d'alma em busca do amor ideal: *A Primavera*, de Francisco Rodrigues Lobo», o sexto artigo deste livro. Rodrigues Lobo precede, pois, em vários *bons anos* (parafraseando assim o título de uma das prédicas analisadas por Marcelle Ventura Carvalho) o início da produção sermonística de Vieira, nascido em 1608. Por outro lado, o texto mais recente é o romance *Que Cavalos São Aqueles que Fazem Sombra no Mar?* (2009), de António Lobo Antunes, nascido em 1942. Não se contando

já Saramago entre os vivos, ao contrário dos outros dois contemporâneos aqui representados, Lídia Jorge e Lobo Antunes, ditaria um critério cronológico que fosse um destes autores (talvez Lobo Antunes, pois o seu texto é de 2009) a figurar como o termo *ad quem* do presente volume. E teríamos assim o subtítulo *De Rodrigues Lobo a Lobo Antunes*. Outra a ordenação, pois, e também outros os nomes da obra ensaística que é agora dada à estampa... A troca de Rodrigues Lobo por Vieira e de Saramago por Lobo Antunes, geracionalmente próximos, visará salientar os nomes mais sonantes no cânone das letras portuguesas? Talvez. Quererá então isto significar que o objetivo de *Estudos de Narrativas Portuguesas* foi o de estabelecer, de algum modo, esse cânone para os atuais estudiosos da literatura lusa? A resposta é negativa.

Não restam dúvidas de que os autores aqui contemplados são todos eles consagrados pelas academias, que reconhecem às suas obras indiscutível valor estético-literário: Saramago, António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Francisco Rodrigues Lobo, Sórora Mariana Alcoforado e Padre António Vieira (cito-os pela ordem em que surgem no livro). Destes oito escritores, um, Eça (1845-1900), é considerado o maior prosador português de todos os tempos; outro, Pessoa (1888-1935), o grande poeta da modernidade; Vieira (1608-1697), o gigante da oratória – «imperador da língua portuguesa», assim lhe chamou Pessoa –; e Saramago (1922-2010) foi apenas Prêmio Nobel da Literatura (1998). Mas há um nome que falta aqui para que o critério a presidir à organização deste volume pudesse ser o do estabelecimento de um possível cânone das letras portuguesas, pelo menos um:

Camões, símbolo por excelência da literatura, da língua e da própria pátria lusa. Note-se que há um vasto arco temporal a ser coberto neste livro, mas nem todas as épocas literárias são contempladas, para privilégio de algumas. Focam-se três escritores barrocos – Francisco Rodrigues Lobo, o precursor, Padre António Vieira, o pregador, e Sórora Mariana Alcoforado, a freira que se perdeu de amores por um oficial francês – e outros tantos autores contemporâneos, sobretudo conhecidos enquanto romancistas: Saramago, Lobo Antunes e Lídia Jorge. Entre estes períodos, são abordados dois gigantes da literatura portuguesa: Eça de Queirós e Fernando Pessoa. Se aquele é o ícone do realismo português, sendo nessa faceta comumente trabalhado, o segundo nome encarna em si toda a letra e espírito do modernismo. Neste ilustre escol cabem duas mulheres: uma foi escritora por força das circunstâncias, num mundo (literário) dominado por homens; a outra, escritora de uma contemporaneidade que se esforça por igualar na prática os direitos dos dois gêneros. Portanto, se a falta de um estudo camonianos ou garrettiano neste volume nos impede de ver nele o estabelecimento de um cânone da literatura portuguesa, que propósitos presidiram à sua organização? Foi na tentativa de apreensão desse indelével fio condutor do conjunto desta obra ensaística que residuiu parte do prazer por mim fruído na leitura atenta destes artigos bem escritos e bem pensados, fruto de atentas reflexões e que conduzem o leitor a fazer as suas próprias reflexões.

As obras literárias analisadas neste volume quase nunca coincidem com as mais óbvias do conjunto da produção do escritor focado em cada trabalho. Exceção feita no caso de Sórora Mariana Alcoforado; no entanto, ainda que *Cartas*

Portuguesas seja a sua única obra conhecida, esta costuma ser olvidada pela crítica.

Conceição Flores assina o primeiro estudo, intitulado «Viagem à Ilha (Des)conhecida», que analisa um Saramago menos abordado, o autor de contos, centrando-se na narrativa *O Conto da Ilha Desconhecida*, texto de 1997. Também a contemporânea Lúcia de Jorge, sobremaneira afamada como romancista, é analisada enquanto contista: o terceiro ensaio, intitulado «Ser e ainda não ser: oscilação e iniciação em “O Belo Adormecido” antecedido de “A Arte do Conto” de Lúcia Jorge – considerações», da autoria de Tiago Aires, aborda uma narrativa breve de Lúcia Jorge dada à estampa em 2004. O artigo que parece escapar mais a este padrão é o segundo do volume, de título «A metanarrativa em António Lobo Antunes», da autoria de Rosângela de Melo Rodrigues, e que se debruça sobre os romances *Que Cavalos São Aqueles que Fazem Sombra no Mar?* (2009) e *Os Cus de Judas* (1979). Se este último é um *óbvio*, isto é, um *incontornável* na produção de Lobo Antunes, pela fama e pelos prêmios que granjeou, já em relação ao primeiro romance, não houve a mesma euforia da crítica e do público e nem existe ainda o distanciamento temporal necessário para se aferir da sua *canonicidade*, além de que o cotejo feito por Rosângela de Melo Rodrigues entre as duas narrativas de Lobo Antunes é de uma fina agudeza, lançando um novo olhar sobre este autor. Portanto, parece haver um padrão que consiste na procura de facetas originais ou menos conhecidas de autores portugueses de reconhecida qualidade literária. O quarto artigo, intitulado «*Livro do Desassossego*: um evangelho por escrever», de Cláudia Sousa, debruça-se sobre a obra do semi-heterônimo

pessoano Bernardo Soares, infinitamente menos abordado do que a tríade heteronímica Caeiro-Reis-Álvaro de Campos. A este artigo segue-se o de Aldinida Medeiros, intitulado «São Cristóvão: a redenção pelo amor fraternal na escrita da maturidade em Eça de Queirós». O trabalho pode surpreender os leitores habituados a um Eça realista e anticlerical, já que se centra numa narrativa aparentemente hagiográfica, *São Cristóvão*, escrita numa fase avançada da sua carreira literária e onde perpassa um profundo espiritualismo cristão. O sexto artigo deste livro é da autoria de Sirlene Cristóvão e intitula-se «Reflexões d'alma em busca do amor ideal: *A Primavera*, de Francisco Rodrigues Lobo». Analisa aquela que é «considerada a primeira novela pastoral portuguesa», dada à estampa em 1601. A escolha da ensaísta não recai, pois, na obra pela qual Rodrigues Lobo persiste em ser mais conhecido nos estudos portugueses, o de autor de *Corte na Aldeia* (1619), porventura porque esta obra é «considerada como o primeiro sinal literário do barroco em Portugal». Portanto, procurou-se aprofundar uma faceta menos abordada, ainda que não esquecida, do famoso escritor leiriense. O penúltimo estudo, «O exercício da dor de amar em *Cartas Portuguesas* de Mariana Alcoforado», é assinado por Marcelo Medeiros da Silva. A freira mais famosa de Beja, embora umbilicalmente associada à narrativa epistolar *Cartas Portuguesas*, continua sendo uma figura do barroco português secundarizada pela crítica literária e olvidada nos programas de ensino (secundário e não só), talvez porque mulher, talvez porque freira subversiva, pois que as heterodoxias femininas talvez pesem ainda no enfoque que é dado ou deixa de ser dado à voz literária da mulher. Por outro lado, Sórora Mariana

Alcoforado era ela própria uma figura que, na sua época, tinha de ombrear com nomes como D. Francisco Manuel de Melo ou Padre António Vieira. O artigo que encerra este volume é dedicado à oratória deste último. Intitula-se «Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento», com autoria de Marcelle Ventura Carvalho. Fica assim escrupulosamente cumprida a sintagmática do subtítulo desta obra ensaística, que começa em Saramago e termina em Vieira. O trabalho de Ventura Carvalho debruça-se sobre cinco sermões do brilhante orador jesuíta, e não apenas sobre os dois mais propalados e que manifestam a marca da sua genialidade: para além do *Sermão de Santo António aos Peixes* e do *Sermão da Sexagésima*, são abordados o *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma*, o *Sermão dos Bons Anos* e o *Sermão da Degolação de São João Baptista*.

Ao longo desta elencagem e sucinta apresentação de cada um dos artigos que compõem o ensaio *Travessias pela Literatura Portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* penso ter ficado comprovada a aposta séria em facetas menos divulgadas de grandes autores portugueses de épocas diversas – esse o fio condutor do livro –, o que traduz uma grande mais-valia para os seus estudiosos, não só no Brasil, mas também neste Portugal de onde escrevo.

Abrindo agora um pouco mais o véu a cada um desses artigos, para suscitar o gosto da sua leitura, Conceição Flores em «Viagem à Ilha (Des)conhecida», evoca com grande agudeza Camões para dar o sentido da subversão patente no texto saramaguiano *O Conto da Ilha Desconhecida*, encomendado para a Expo 98 de Lisboa, cujo tema era «Oceanos: um património para o futuro»: se n'Os *Lusíadas* Portugal é definido como o local «onde a terra se

acaba e o mar principia», no texto de Saramago, Portugal passa a ser o sítio onde «o mar acaba e a terra principia», traduzindo assim a perda definitiva da dimensão imperial e transatlântica do país. Enquanto «contraepopeia», no dizer de Conceição Flores, este conto vergasta em tom satírico, através da situação burlesca de um homem que vai pedir ao rei um barco para navegar e tem de se sujeitar à intermediação caprichosa da porteira-mulher-a-dias, alguns vícios do Portugal contemporâneo: burocracia, corrupção, falta de qualidade e de visão das classes dirigentes, prevalência do ter sobre o ser, substituição do sonho coletivo por sonhos individuais. Mas contra tanta negrura, resta a esperança da metafórica ilha individual a descobrir, sustentada no amor entre um homem e uma mulher.

O segundo artigo deste ensaio, «A metanarrativa em António Lobo Antunes», debruça-se, como já aponte, sobre os romances *Que Cavalos São Aqueles que Fazem Sombra no Mar?* (2009) e *Os Cus de Judas* (1979). O cotejo entre as duas obras faz sobressair a importância da metanarratividade como instrumento de reflexão do próprio autor sobre os seres de papel que cria – as personagens –, havendo também uma nítida obstinação no tema da decadência: no primeiro romance, há um clara «decadência dos valores morais, económicos e culturais das tradicionais famílias portuguesas», mercê da ganância do dinheiro, que leva filhos a planearem a morte da matriarca de uma família ribatejana criadora de cavalos; no segundo texto, assiste-se à destruição do indivíduo, de um homem que vale como sinédoque de muitos jovens portugueses, mercê de uma guerra colonial traumática, aparecendo a arte e a literatura como via catártica.

Em «Ser e ainda não ser: oscilação e iniciação em “O Belo Adormecido” antecedido de “A Arte do Conto” de Lúcia Jorge – considerações», Tiago Aires, depois de uma rigorosa e bem ilustrada visão panorâmica sobre a obra contística de Lúcia Jorge, centra-se sobre a narrativa breve «O Belo Adormecido», salientando os desejos frustrados das personagens principais e a inversão dos papéis e das atitudes femininas e masculinas a partir da intertextualidade existente com o conto popular «A Bela Adormecida». Este é mais um artigo a apontar traços da portugalidade contemporânea: a redefinição dos papéis dos géneros e a das identidades sexuais, já que, no conto de Lúcia Jorge, nem tudo o que parece é... E Tiago Aires não deixa de analisar os subentendidos, deveras importantes para uma cabal compreensão do texto da autora.

Cláudia Sousa no artigo «*Livro do Desassossego*: um evangelho por escrever», explica a génese e a complexa questão editorial por detrás desta obra, que acompanhou a vida de Fernando Pessoa, mas que ele deixou incompleta e atribuída ao semi-heterónimo Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. O *Livro do Desassossego*, composto por 481 fragmentos, traduz uma escrita fragmentária com carácter ensaístico e reflexivo que está eivada de máximas a pedir explicitamente novas reflexões ao leitor (um género mais tarde retomado por Vergílio Ferreira em *Pensar*). Cláudia Sousa demonstra que a modernidade do texto soariano radica não apenas nesse carácter fragmentário, mas também no desassossego advindo de uma sensação de vazio do sujeito que redige a obra e que se reflete em inquietações de natureza diversa. Uma das partes mais interessantes deste artigo é aquela em que a ensaísta comprova

a ligação existente entre o *Livro do Desassossego* e a Bíblia, não apenas pelas características inerentes à obra em si, mas também pela sua gênese, pela questão editorial e pela postura do autor relativamente à mesma.

Aldinida Medeiros, no artigo «São Cristóvão: o socialismo cristão e o amor fraternal na escrita da maturidade em Eça de Queirós», aposta claramente numa faceta menos abordada da obra queiroziana: «São Cristóvão» é um conto e não um romance; revela um estilo que «se diferencia do estilo característico de seus romances realistas»; e pertence a uma escrita hagiográfica, que parece opor-se ao conhecido anticlericalismo eiciano. O artigo desenvolve-se em torno de três aspectos claramente identificados no início: o afastamento da escrita naturalista, a demonstração de um ideário espiritualista e o cristianismo social de inspiração proudhoniana. Um dos aspectos mais interessantes neste estudo é a comprovação de que as «ações de um evangelho pragmático» de inspiração proudhoniana e, por conseguinte, socialista, não se incompatibilizam com o ideário cristão da caridade, e que caracteriza o franciscanismo. O conto «São Cristóvão», baseado em lendas hagiográficas medievais, propõe, de qualquer modo, uma nova concepção de santidade, alternativa ao modelo católico do santo milagreiro, como sublinha Aldinida Medeiros: trata-se do santo socialista. É que São Cristóvão, esse bom gigante dotado de força hercúlea, vai «da caridade ativa para a militante», «do serviço aos pobres à insurreição pelos pobres».

No sexto artigo, intitulado «Reflexões d'alma em busca do amor ideal: *A Primavera*, de Francisco Rodrigues Lobo», Sirlene Cristófano, depois de integrar o texto

destacado numa trilogia de novelas pastoris da autoria de Rodrigues Lobo, faz uma bem ilustrada análise narratológica de *A Primavera*, apontando não só a relação do protagonista Lereno com os espaços físicos e psicológicos aludidos, mas também a estrutura temporal peculiar a este gênero literário. A ensaísta elenca e exemplifica todos os aspectos em que o texto de Rodrigues Lobo obedece ao cânone da novela pastoril, a começar pelo artificialismo da «requintada idealização da personagem de pastor», mais preocupado com a sua infelicidade amorosa do que com o rebanho à sua guarda. Um dos aspectos mais interessantes deste artigo é o aprofundamento da duplicidade do amor enquanto tema central de *A Primavera*: na novela pastoril, há «o amor idealizado e as aventuras amorosas de Lereno», comprovando a ensaísta a ambígua relação de elo e de desfasamento que os dois amores em causa estabelecem no texto seiscentista.

O penúltimo artigo aborda, como já foi dito, as *Cartas Portuguesas* de Sórora Mariana Alcoforado. Esta narrativa, composta por cinco missivas dirigidas ao oficial francês por quem a freira de Beja se apaixonara loucamente, é integrada por Marcelo Medeiros da Silva na voga ocidental seiscentista e setecentista da epistolografia literária em prosa. Depois de uma clara e sintética caracterização do gênero epistolar, o ensaísta prova a singularidade desta obra, com um narrador e um narratário extradiegéticos e referenciais, o que torna a narrativa bem diferente, por exemplo, de romances epistolares como *Ligações Perigosas* ou *Cartas Persas*. O lancinante sofrimento de amor aí confessado é real, as personagens são referenciais (a rigor, nem são concebidas pela autora como personagens, tratava-se, isso sim,

de uma tentativa desesperada de convencer o amante a regressar), e a análise da obra de Mariana Alcoforado não se esgota, por conseguinte, numa análise narratológica, de cunho estruturalista, ainda que ela seja feita com todo o rigor por Marcelo Medeiros da Silva. Daí que a segunda parte do artigo consista numa análise de cunho psicológico, baseada, como indica o autor, em reflexões de Juan-David Nasio sobre a dor de amar. Um dos aspectos mais interessantes desta última abordagem é a conclusão de que a agonia da narradora Mariana Alcoforado não é superada pelo luto, doloroso, mas necessário, mantendo-se a freira de Beja, no seu convento-cárcere, agarrada a um fantasma de quem não se quer desprender. A agonia reside não tanto no abandono do amante, que tudo indica já não a querer mais (ela sugere-o e intui-o; todavia, não deseja encarar de frente essa hipótese), mas antes na impossibilidade de deixar de o amar, permanecendo um amor não correspondido e esvaziado de sentido. Como Mariana Alcoforado não corta com este amor unidirecional, é a saudade e a escrita que mantêm vivo um fantasma, as quais presentificam um amado ausente, mesmo que este represente o «martírio do abandono, o inferno de amar já sem esperança».

Por fim, o artigo «Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento» traça uma muito útil e breve resenha bibliográfica do autor (em Portugal, é costume apontar o seu local de nascimento, mas fica muitas vezes esquecido o fato de Vieira ter morrido em território brasileiro ou o local exato desse falecimento) e caracteriza a obra vieiriana, por períodos e estilo. Marcelle Ventura Carvalho questiona-se então sobre «como e com qual propósito o orador construía as suas alegorias», visto que o fim que lhes é apontado

nas artes retóricas da Antiguidade é o mero ornato, o que não se coaduna com a prática sermonística, sobretudo a de Vieira que, sendo fascinantemente bela, não tem subjacente a si preocupações estéticas.

Depois de uma necessária definição do termo «alegoria» com base em Aristóteles, Cícero e Quintiliano, os três grandes nomes da retórica clássica, a ensaísta verifica que a terminologia que mais claramente pode elucidar os intentos de Vieira é a de João Adolfo Hansen, que subdivide a alegoria em três tipos. Ventura Carvalho explicita e ilustra cada uma destas alegorias: a dos poetas ou alegoria verbal consiste numa analogia termo a termo e depende da subjetividade do autor. Ela é ilustrada a partir do *Sermão de Santo António aos Peixes* e do *Sermão da Sexagésima*. A alegoria dos teólogos ou factual é tipicamente medieva, sendo uma analogia baseada na proporção que estabelece paralelos entre Deus e a natureza, criação divina, ou entre a natureza e as mais diversas organizações humanas, ou entre o Antigo e o Novo Testamento – pensamento tipológico em que episódios e personagens do texto veterotestamentário são interpretados como prefigurações, logo, alegorias, do Novo Testamento. Desta feita, o *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma*, o *Sermão da Degolação de São João Baptista* e o *Sermão dos Bons Anos* ilustram os três subtipos de analogia dos teólogos.

A autora justifica, por fim, a ausência da alegoria do Renascimento – baseada em termos mitológicos – nas prédicas vieirianas e comprova que, em todos os casos apresentados, a alegoria é um importantíssimo recurso retórico na estratégia argumentativa do padre jesuíta.

O resumo assim traçado dos oito artigos que compõem *Travessias pela Literatura Portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* tenta não trair a qualidade e a essência dos mesmos, fazendo-se agora o convite à sua leitura atenta e integral, pelas muitas reflexões e ensinamentos que eles deixam a todos os que se interessam pelas letras lusas, não só desse, mas também deste lado do Atlântico.

Prof^a. Dr^a. Cristina Costa Vieira
Universidade da Beira Interior – Portugal.